

**Gervason Defilippo, Juliana**

*No templo de linguagem : a experiênciade Deus no discurso ficcional de Clarice Lispector*

*III Jornadas : Diálogos entre Literatura, Estética y Teología*

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Gervason Defilippo, Juliana. "No templo da linguagem : a experiênciade Deus no discurso ficcional de Clarice Lispector." Ponencia presentada en las Jornadas Diálogos entre Literatura, Estética y Teología, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina. Buenos Aires, 2007. [Fecha de consulta]  
<<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/no-templo-linguagem.pdf>>

(Se recomienda ingresar la fecha de consulta antes de la dirección URL. Ej: 22 oct. 2010).

# NO TEMPLO DA LINGUAGEM: A EXPERIÊNCIA DE DEUS NO DISCURSO FICCIONAL DE CLARICE LISPECTOR

Juliana Gervason Defilippo<sup>1</sup>

De início, transgredindo com todas as normas tradicionais de romance linear, **Uma aprendizagem Ou O Livro dos Prazeres** começa com um sinal gráfico, delineando algo que não tem começo, que existe desde sempre.

Apesar da escritora não ter dividido, convencionalmente, seus romances em capítulos, alguns críticos se referiram **A paixão segundo G. H.** como uma obra de trinta e três capítulos. Tomando isto como referência e, com o intuito de tornar nossa análise mais clara, adotaremos essa mesma atitude ao nos referirmos a **Uma aprendizagem**. A obra é dividida pela autora em duas partes: “A origem da primavera ou a morte necessária em pleno dia”, com quatro capítulos, e “Luminescência”, com vinte e um capítulos. É esta segunda parte que nos interessa e, para ela, iremos propor uma outra divisão em três partes relacionadas ao percurso que Lóri irá enfrentar. Ou seja, os quatro primeiros capítulos, até aqui analisados, estão desvinculados do percurso que traçaremos na obra.

Seguem-se, a partir de agora, as propostas de divisão e análise dessas três partes percebidas na experiência da personagem.

## 2. Entrada no abismo – Aceitação de Deus – Infância<sup>2</sup>

O reconhecimento do abismo dá-se em página avulsa, em fragmento de texto totalmente desvinculado das outras partes do livro, quando Lóri afirma ter aprendido a ter fé. Nessa parte solta no romance, temos a preparação da personagem para o abismo – epifania em que vai se entregar. Nesse reconhecimento do abismo, Lóri depara-se com um homem estranho rondando-a próximo a seu apartamento. Chama Ulisses para ajudá-la e este, após atender ao pedido, parte e a deixa sozinha com o “desespero de fêmea desprezada” (UALP, p. 34). Nesse reconhecimento do abismo, quando é abandonada por Ulisses que ignora seu chamado de mulher, Lóri percebe-se sozinha em meio a um silêncio assustador, do qual tenta fugir em vão, esse silêncio é Deus.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários - UFJF

<sup>2</sup> Esse título utiliza termos nossos – baseados na interpretação de epifania de Olga de Sá - de Boff e Clarice, respectivamente, assim como os outros próximos dois títulos em que analisamos a obra.

O mergulho no Nada e o reconhecimento do Silêncio serão vivenciados durante a entrada solitária no abismo. Percebe-se lutando contra os limites do ser humano: “Os limites de um humano eram divinos? Eram” (UALP, p. 42). Essa entrada no abismo revelava a Lóri uma possível intimidade de alma com Ulisses, algo do qual ela se protegera a vida toda com medo e pavor. A entrada no abismo reitera o não entendimento vivenciado pela personagem, este não entender levava ao infinito e a Deus. O que temos é uma insistente aproximação de Deus ao Nada, ao Silêncio e ao Infinito. Ao relacionar esses aspectos a Deus, a personagem coloca-se numa desesperada necessidade de decifrá-los, o que de pronto se mostra também como uma necessidade de decifrar Deus.

É possível perceber que a queda no abismo dá-se em conjunto com a necessidade de Lóri de encontrar explicações para Deus. Ciente de que sua condição humana a mantém alheia da revelação divina, ela aceita a simples consciência da existência de algo não compreendido, porém vivenciado. De acordo com Leonardo Boff no início de tudo o que o homem vivencia está o encontro com o divino, não ao lado, dentro ou acima do mundo, mas junto e através dele, para o teólogo, Deus somente é real e significativo para o ser humano se emergir das profundezas de sua própria experiência no mundo e com os outros (BOOF, 2002, p. 12).

No relato bíblico, Deus poucas vezes aceitou a mulher como sua interlocutora, porém Lóri irá buscar Sua presença diversas vezes na obra, o caminho de aprendizagem que percorre até chegar a Ulisses também a leva até um Deus que ama e odeia durante sua própria *via crucis*. Quando se sente perdida, como o exemplo da cidade de Paris, Lóri reza para que Deus a ajude: “O Deus que me ajude nessas trevas geladas que são as minhas” (UALP, p. 45). A personagem criada aproxima-se da autora ao chamar Deus no momento de abandono ou medo. Quando Lóri afirma que ao reconhecer-se perdida lembra-se sua condição humana, percebemos, que mais uma vez lhe é necessário chamar ‘pelo Deus’. O caminho de revelação que se seguirá a essa entrada no abismo revela também uma aproximação da personagem feminina ao Deus inacessível da **Bíblia**. A prece empreendida por vários momentos durante a obra está longe de ser a evocação apaixonada das rezadeiras em suas penitências ou novenas, Lóri conversa com Ele em tom de igualdade, quiçá revolta: “Vai recomeçar, meu Deus? Perguntava-se então. E reunia toda a sua força para parar a dor. Que dor era? A de existir? A de pertencer a alguma coisa desconhecida? A de ter nascido?” (UALP, p. 49).

Retomando Boff, temos o que ele propõe como experiência de Deus através da linguagem. Todo o caminho percorrido pela personagem até então, fechando a primeira parte com uma prece, dialoga com o que o filósofo chama de Saber – Imanência – Identificação, ou seja, momento em que o ser humano, partindo da experiência lingüística identifica Deus a partir de seus próprios conceitos, transportando-o para seu próprio plano lingüístico sem a necessidade de representá-lo através de nomes ou imagens. Ele se apresenta, nesses seis capítulos, como alguém com quem se pode falar, rezar, cair de joelhos, levar os queixumes e esperar tanto a graça quanto a salvação.

### **3. Vivência do abismo – Negação de Deus – Não religião**

De férias da escola há alguns dias e totalmente afastada de Ulisses, Lóri intercala o bordado de uma toalha de mesa com idas sozinha ao cinema, na tentativa de fugir de uma dor que a toma por inteiro.

Inicia-se o processo denominado por Boff de “Não-saber – transcendência – desidentificação”, identificado como o segundo momento da experiência divina em que, de acordo com o teólogo, damos conta da insuficiência de todas as Suas imagens e percebemos que tudo o que Dele dizemos é figurativo e simbólico. Seria a morte do símbolo para o encontro da verdade. Momento de desexcomunhão com Deus, de negação e revolta (BOFF, 2002, p. 14). É o que Lóri vai vivenciar a partir desse trecho, sozinha e afastada, inclusive de Ulisses.

Negar-se a Deus é a forma encontrada de negá-lo, voltamos à morte do símbolo não só citada por Boff (BOFF, 2002, p. 19) como também por Joseph Campbell (CAMPBELL, 2004, p. 31). A morte do símbolo pode se dar de várias formas, em Clarice será, não só neste romance, de luta colérica.

A luta será empreendida agora com um negar-se a Deus, a morte do simples será, antes, a própria morte neste mergulho sozinha dentro do abismo. Afastada de Ulisses e de Deus, a personagem irá enfrentar o reconhecer-se na própria solidão.

Pessanha, no ensaio **Itinerário da paixão** (1965), refere-se a esse momento através da personagem G. H. no que chamou de fase da demolição, ou seja, de derrubada dos ídolos, a busca do “conhece-te a ti mesmo”. Ele percebe essa fase em G.H., nós também acrescentamos Lóri (percebemos que, via de regra, muitas personagens passam pelo percurso). Ambas partem do conhecer-se para o reconhecimento da realidade. O que Ulisses faz é ensiná-la a desaprender, para, depois aprender, e a demolição, principalmente de Deus, é seu início da desaprendizagem.

Aproxima-se, também apontado por Pessanha, ao processo de despensamento de Martim como única maneira de recuperar o pensamento mesmo, deixar de ser inteligente como única esperança de inteligência plena. No romance, são palavras de Ulisses: “- Estive lendo um dia um filósofo, sabe. Uma vez segui um conselho dele e deu certo. Era mais ou menos isto: é só quando esquecemos todos os nossos conhecimentos é que começamos a saber” (UALP, p. 52).

Há uma diferença, no entanto, entre Lóri, Martim e G.H, para nos referirmos apenas aos citados aqui e por Pessanha, não é necessário à nossa personagem cometer crime como um assassinato (de outro, da barata), ela precisa isolar-se do mundo, conhecer-se e aceitar a comunhão com o outro. Nota-se, portanto que, para Clarice, diferente do que vinha delineando até então com as outras obras, não é mais necessária a morte física para a transcendência. Essa pode se dar a partir do prazer – o que alude diretamente ao título do livro: da aprendizagem ao prazer.

O texto de Pessanha encerra em Martim e G. H. a experiência maior. Contudo, é um texto publicado em 1965, quatro anos antes da criação de Lóri, personagem que empreende o mesmo caminho, tão capaz de deseroizar, no sentido de destituir do cargo de herói, quanto esses personagens, porém Lóri o faz pelo caminho de *eros*.

A morte de Deus se dá através da linguagem, ela O nega e se nega a Ele, pois tanto os humanos precisam de Deus, quanto Ele dos humanos, uma vez que Ele só existe quando Dele se fala. O que Lóri vai buscar nisso que chamamos de vivência do abismo é a solidão, até Dele ela vai querer afastamento. A dor da solidão serve como uma ofensa e vingança contra “o Deus”, “mas agora sozinha, amando um Deus que não existia mais, talvez tocasse enfim na dor que era dela” (UALP, p. 67). Lóri desmistifica a imagem do divino quando luta contra ele.

Estamos na segunda parte de divisão adotada para analisar o livro, nomeada pela autora de “Luminescência”, mas já aqui podemos apontar o que será confirmado na terceira parte: há o encontro com Deus somente quando há o encontro com o outro e, no caso dessa obra, o outro é Ulisses. O trecho que destacamos acima mostra como a comunhão através do amor com o outro possibilita a comunhão com “o Deus”, mas não o Deus que ensinaram a amar, a partir de uma cultura cristã, tradicional – que ela chama de Deus cósmico – mas o Deus Tudo que aprendemos a reconhecer.

Através de uma experiência, incitada pelo homem Ulisses, Lóri mata Deus – utilizando a linguagem – para permitir seu verdadeiro encontro com Ele. Fugindo dos estereótipos, a mulher precisa do homem, ele dá a mão para que ela consiga vislumbrar

um caminho, porém ele não ensina o caminho, apenas a deixa sozinha para que ela possa traçar o que percorrer para a experiência. Rompendo com o novo perfil de mulher que a voz feminina na literatura foi descobrindo e o movimento feminista propondo, Clarice nos apresenta a antiga figura feminina, frágil, medrosa, dependente, mulher, passando pelo caminho da experiência religiosa destituída de instituições ou influências.

Após um encontro com Ulisses no clube, decide passar uma noite de vigília e percebe que está percorrendo, abandonada até pelo próprio anjo da guarda, um caminho de escolha, escolhera ser ela mesma, decide querer aprender a experimentar o mundo sozinha para ver como era: “Ia perder ou ganhar? Mas continuaria seu corpo-a-corpo com a vida. Nem seria com a sua própria vida, mas com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim. E aí estava ele, o mar” (UALP, p. 77).

Ao abordarmos o mar, entraremos numa das simbologias que consideramos mais significativas para todo o plano religioso que percebemos na obra. Será após esta experiência que a personagem entrará na terceira parte da obra. Por sair de uma negação do divino, a partir do contato com o mar, julgamos essa experiência totalmente relevante para a personagem. A mulher que vive no mar é Loreley, nossa personagem, assim como a figura mitológica, ira retornar ao mar: “Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos.” (UALP, p. 78)

Para uma transgressão completa a entrada da personagem no mar se dará através de um discurso que se aproxima, sobremaneira, do discurso erótico. Lóri e o mar compartilham uma experiência quase sexual, como a do homem com a mulher. Esse contato com o mar, como se fora um contato sexual com o homem, irá fechar a segunda parte que traçamos na experiência da personagem, preparando-a para a última parte da obra em que a realização sexual se dará por completo, não mais através de metáforas, como nesse momento, e em que a aceitação e identificação com Deus se fará possível a partir de todo o aprendizado realizado. Carregada de metáforas: líquido espesso – esperma, berço materno com cheiro masculino (UALP, p. 110), a entrada no mar termina com uma alusão bíblica. Lóri sabe que fez um perigo: entrou no mar, negou-se a Deus, negou Deus, “sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano” (UALP, p. 80) Eis, então, a realização plena da vivência do abismo, até seu momento máximo.

#### 4. Saída do abismo – Aceitação de Deus – Crença no Deus vasto

Chegamos na terceira e última parte em que dividimos a obra, de todas, a maior e mais carregada de simbologia. O que chamamos até agora, a lembrar de entrada, vivência e saída do abismo, o que Boff denomina de aceitação, negação e aceitação de Deus, Clarice vai chamar, nesse trecho, de religião da infância, não-religião e crença num Deus vasto. A religião da infância, que é a vivenciada na primeira parte de “Luminescência”, é aquela que ensinam a acreditar, sem questionar ou pensar, apenas aceitar. Essa última, crença e experiência num Deus vasto, será chamada, a partir de agora, tomando como empréstimo Boff, de “A montanha é montanha: sabor-transparência-identidade”.

A volta do mar traz a angústia de esperar o telefonema de Ulisses, agora que Lóri, em suas palavras, era. Como o telefone permanecia mudo, ela resolveu ligar para sua amiga cartomante. Não notamos nesse trecho, apesar da representação dessa cartomante, quaisquer relações com temas astrológicos. Essa mulher poderia ser qualquer pessoa; no momento, que importa, era uma amiga para quem poderia ligar. Mesmo propondo-se vidente, ela diz a Lóri o que qualquer outra pessoa poderia dizer, não faz previsões, como esperamos de uma pessoa que pretende – conforme ela diz – possuir visão das coisas. A conversa com a cartomante irá servir de marco para a nova vida, tanto para Lóri, quanto para Macabéa, de **A hora da estrela**.

Depois de um jantar e uma longa conversa, Ulisses e Lóri novamente se se distanciam, e ela sente que não será capaz de suportar a própria fragilidade. O Deus indestrutível aparece em seu discurso de cólera: “E ver que podia perder tudo o que já ganhara, encheu-a de uma ira de possesso contra o Deus. Não tinha coragem de encolerizar-se com Ulisses porque na sua cólera ela o destruiria dentro dela. Mas volta-se contra o Deus que era indestrutível.” (UALP, p. 112).

O Deus acessível que aparece em todos os momentos, apesar de toda a sua proximidade com o humano, não é desvinculado das suas caracterizações com que fomos acostumados a conceber. É por ser divino que pode enfrentar e sobreviver ao processo de negação por que passa a personagem.

A ira contra esse Deus presente em todos os momentos vividos pela personagem aparece com a força de uma destruição até ultimar-se em prece. Varin aponta que o livro é uma prece, um pedido de amor endereçado ao outro (VARIN, 2002, p. 147) e relembra que em uma crônica escrita na mesma época e publicada no **Jornal do Brasil**, Clarice usa as mesmas palavras em favor de um padre que pediu que ela rezasse por ele.

É com pudor que o faz, dirigindo-se a Ulisses, a Deus, e como aponta Varin, aos seus leitores.

Cansada de esperar que ele venha, pois Deus já veio em sua prece, Lóri telefona para Ulisses, que não vai até ela, manda apenas que ela “agüente” (UALP, p. 113).

Depois de dias de espera, se encontram e ambos declaram amor um pelo outro; ele confessa buscar a embriaguez da santidade e a conquista do corpo. Ela confessa ter sido antes uma mulher que procurava modos e formas, e ter se tornado uma mulher que não tinha mais nem modos nem formas. A transformação e a aprendizagem são mútuas, homem e mulher se completam: “‘Deus’, pensou ela, ‘então era isto o que parecias me prometer’. E seus olhos se fecharam num semi-sono, numa semivigília pois ela vigiava o sono de seu grande amante” (UALP, p. 150). Enquanto a mulher, em toda a sua transformação, depara-se com o silêncio e a calma do encontro com o amor, o homem perde toda a sua tranqüilidade. Ainda, nesta passagem, Clarice completa que a solução para existir é amar outra pessoa porque nós não compreendemos a nossa existência, mas a do outro. Antes ele não era humilde, mas agora, com a possibilidade do amor, torna-se humilde e sereno, antes ela era humilde por demais, agora torna-se igual ao homem.

Amam-se pela terceira vez. A transformação se realiza nessa mulher, a partir da equiparação com o papel desse homem, e faz com que ela questione o seu valor social que, como já apontamos em nossa análise, é respondido por Ulisses como algo ainda não compreendido pela sociedade brasileira da época. Lóri é uma mulher desintegrada, porque, como mulher, iguala-se, no amor, ao homem e a Deus, ela ofende sua estrutura social com a sua enorme liberdade (UALP, p. 153), mas já ofendera antes quando saíra de casa. O que temos é a aprendizagem de existir da mulher, e isso fere a sociedade, que dela espera, somente, o casamento e filhos.

Vilma Arêas aponta que este corte da fala masculina é uma vingança ao tom didático que o homem representara em toda a obra. Ao contrário, vemos esse corte como a união entre o homem e a mulher após todo o processo de aprendizagem de vida e, o que nos interessou mais, aceitação, negação e aceitação de Deus, pelo qual passa Lóri. A obra sem início e sem fim, não se apresenta como uma tentativa de explicar ou responder questões. Essa história, fragmento de vida, reproduz o percurso do ser humano na busca do reconhecimento de Deus e do reconhecer-se através do Outro.

## 5. CONCLUSÃO

Com nossa análise percebemos tratar-se de um livro de assunção e êxtase, fala de momento de apaziguamento, consolado, repousado, gratificado. Confirma-se a idéia de que Deus em Clarice não é um conceito, uma noção teórica nem um ideal abstrato. O ideal divino não é racional. Ele é realidade conhecida pela experiência direta. Uma realidade eminentemente viva, com o Deus vivo.

Não procuramos, nesta ficção específica de Clarice, um Deus de feição moral. O seu Deus é quase o dos contemplativos, conhecido e revelado no amor e na liberdade. A salvação aqui não é dada através dos méritos e das obras próprias, mas pela união sagrada com Deus e com o homem.

A personagem do livro experimentou, ou melhor, trilhou, três caminhos de experiência do Mistério: aceitação, negação e aceitação, termos usados por Boff e retomados em todo o nosso trabalho. Como apontamos, esses três caminhos são nomeados por Clarice de: religião da infância, não-religião e crença num Deus vasto. Vemos como os caminhos gnósticos da percepção e visão supranormal, da imaginação, do sonho, da mediunidade, da permeabilidade ao inconsciente coletivo ou arcaico, ou das iluminações, inspirações e contatos de ordem mística.

Não buscamos, em nenhum momento, desvendar até que ponto foi Clarice uma pessoa religiosa, até que ponto ela usava da religiosidade em sua obra, buscamos desvendar como a personagem Lóri, feminina como todas as mulheres, vivencia a experiência de Deus e como esse Deus se apresenta nesta obra. As respostas várias que encontramos possibilitam uma revelação pouco apreendida em Clarice: seu discurso literário, feminino de todas as formas, não nega à mulher o papel estereotipado desde sempre. Repete o que o senso comum e masculino, principalmente, vinha delineando da personagem feminina, isso de início. Clarice engana, barthesianamente falando, Clarice carrega sua literatura de interstícios, prontos para serem desvelados ou não. A mulher, a princípio, repetitiva e previsível, é na verdade o ser que carrega toda a força, quiçá imaginada pelo homem Ulisses. É ele que a hipnotiza com o canto de sereia, mas é ela que carrega a força para seguir até onde quer e depois traçar o caminho que deseja. É a partir da mulher que se dá a comunhão entre amor e Deus. E o Deus presente em sua obra está longe de ser o bíblico temido pelo senso comum, temido, principalmente, pela voz feminina.

Deus é diálogo possível e passível de falhas e questionamentos. É imagem porque se faz diálogo, mas não é temível, porque se faz submisso a apropriação do

homem, neste caso, especificamente, da mulher. Se aprendemos que o homem precisa de Deus, a aprendizagem aqui se dá no caminho inverso, Deus também precisa do homem. Se somos forçados a desvincular o discurso religioso do discurso de *Eros*, em Clarice a aprendizagem é outra, ambos caminham em paralelo, são vitais um para o outro, Deus é humano, o sexo é divino, a obra de Clarice é uma aprendizagem, um livro dos prazeres!

## **BIBLIOGRAFIA**

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **E por falar em mitos: conversas com Joseph Campbell**. (entrevistado por) Fraser Boa. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Versus, 2004.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CIXOUS, Hélène. **Reading with Clarice Lispector**. Translated by Verena Andermatt Conley. Minneapolis: University of Minnesota, 1990. (Theory and History of Literature, 73).

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999d.

PESSANHA, José Américo. Itinerário da paixão. **Remate de Males**, Campinas, n. 9, maio de 1989. **Remate de Males**, Campinas, n. 9, maio 1989. (Org. de Vilma Arêas e Berta Waldman. Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.) p. 181 – 198.